

As inquietudes discursivas de um orientador

Amanda Eloina Scherer

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Nota introdutória

O propósito, inicialmente, deste ensaio era o de refletir sobre a viabilidade e a validade de questões que norteiam o desenvolvimento atual dos estudos sobre o discurso, em relação à constituição do que a cultura acadêmica denominou de *corpus*. Muito tem sido argumentado e muitas teses têm sido escritas, tendo por parâmetro, quase sempre, uma *coleta de dados* e, por conseqüência, um trabalho interpretativo. Nós nos perguntávamos inicialmente: como toda e qualquer *coleta* pode resultar em um objeto? e mais, como, a partir de um objeto constituído, podemos falar do outro, ou de alguma coisa que, também pode se *transformar* em um corpus, em um objeto de interpretação? e ainda, o que faz com que um objeto se torne um corpus e o que faz com que o sujeito leitor desse objeto, *recorte* e possa falar de *meu corpus* e se constituir no universo da pesquisa como o *dono* de seu dizer?

As questões depois se voltaram para o como construir uma orientação e o como fazer emergir os desafios nascidos na produção do trabalho de orientação acadêmica em iniciação científica, ou em mestrado, ou em doutorado? e mais, como fundar uma cultura acadêmica de pesquisa em *corpus* nos estudos da graduação, em direção aos estudos da pós-

graduação, já que a nossa forma de reflexão sobre a linguagem accita o desconforto de não nos ajeitarmos nas evidências e no lugar do já-dito (PÉCHEUX, 1981)?

Resolvemos então propor, aqui, uma reflexão sobre essas questões, a partir de três premissas : em primeiro lugar, a análise de dados não é dada e o sujeito analista, ao construir o seu objeto de pesquisa, não faz tal análise sem que ideológica e historicamente ele esteja constituído; em segundo lugar, para que o futuro pesquisador possa apreender a complexidade das operações, colocadas em jogo, no processo de significação, esta deve ser construída em um processo dialógico na relação com o outro e consigo mesmo; em terceiro lugar, o universo da pesquisa contemporânea sobre a linguagem é plural e os objetos e os métodos são às vezes *confidenciais*.

Primeira Premissa

[...] uma transformação profunda nos modos de conhecer deve estar relacionada, de uma maneira ou doutra, com uma transformação igualmente profunda nos modos de organização da sociedade. (SANTOS, 1995: 200).

Os modos de entender e perceber o mundo contemporâneo, neste início de século, estão cada vez mais voltados para as formas como o homem produz conhecimento, este, por sua vez, é resultante de novas formas de organização social. Os desafios, quaisquer que sejam eles, nascem dessa relação, emergem/na/pela/contra a experiência do sujeito, em face das novas configurações de ver e representar o mundo das práticas sociais (SANTOS, 1995).

A produção e a transferência do conhecimento, a preparação do profissional qualificado, a fomentação e consolidação do nível cultural de nossa área, a formação ética do sujeito, a identificação de novos profissionais sociais¹ são produtos, não só variados, mas também difíceis de definir em um mundo globalizado pela técnica e pela economia.

Essas questões prendem-se a critérios de avaliação e, neste domínio, a dificuldade maior está em estabelecer as medidas de qualidades e de eficácia (SANTOS, 1995). A lógica da rentabilidade² não pode ser mais a mola propulsora desse agir, pois se trata de uma questão de política de gestão de recursos humanos e de uma nova estruturação organizacional para a pesquisa.

Isso significa dizer que, à luz de critérios de produtividade vigentes, a pós-graduação não pode mais deixar de ocupar o seu lugar. O pressuposto fundamental será de que a produção em pesquisa não está mais unicamente no da transmissão e no da reprodução do saber, mas no que a sua produtividade acadêmica, enquanto organização social, pode gerar para produzir novos saberes.

Nesse caso, a orientação de um trabalho acadêmico, enquanto relação ensino-pesquisa versus teoria-prática não pode mais estar dissociada dessa realidade e o profissional aí formado, que também aí atua, tem o papel de intermediar e contemporizar as dificuldades oriundas desses novos desafios, para poder induzir a novos parâmetros e a novas organizações sociais e acadêmicas em pesquisa. Tal intermediação deve ter por linha mestra a identidade do sujeito e o seu laço social, que devem se fundar em uma ética da invenção criativa em que a produção do conhecimento deve acontecer, não como estrutura, mas como acontecimento³ do sujeito pelo /para outro sujeito, na re+apropriação das temporalidades subjetivas, no ajustamento e na coordenação de ritmos novos, na implicação desse sujeito em novos mundos de significação, mundo esse onde as identificações em pesquisas acontecem em uma relação com o saber, na ordem da diversidade, da singularidade e nos parâmetros da alteridade.

Segunda premissa

As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjunto técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipo de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. (FOUCAULT, 1997: 12).

Pesquisas contemporâneas têm mostrado, cada vez mais, que o mercado da formação para a pesquisa é um componente determinante de integração social, cultural e também pragmático em um mundo dominado pela globalização da economia e pela mundialização de bens culturais.

O sujeito em formação, segundo essas pesquisas, não pode ser considerado como um catalisador de técnicas de pesquisa, com um tempo e um espaço definido. Esse sujeito está inserido em um mercado em que o seu capital lingüístico, cultural e pedagógico deve valer « tout au long de la vie » (BELLEROT, 1996). Para nós, o estar no mundo significa estar negociando constantemente o que ele aprendeu em um espaço e em um tempo sem limite, para obter um lucro definido e redefinido pelo sistema, em uma prática coletiva, quer seja ela virtual quer presencial. Esse lucro, ao nosso ver, deveria estar sendo definido nos parâmetros da alteridade, como salientamos anteriormente, e deveria ser repensado na problemática da transferência do conhecimento⁴, levando em conta “l’histoire comme connaissance et l’expérience comme rencontre, comme une mis-en-scène de l’Autre” (DE CERTEAU, 1994: 193).

Os motivos que nos levaram a construir e propor esta segunda premissa, estão alicerçados no pressuposto de que a essência do sujeito é o seu objeto. A partir dessa reflexão, podemos afirmar que o nosso objeto é a procura de uma cultura de experiência em pesquisa, que possa implementar novos parâmetros para organizar o social-acadêmico, a fim de subsidiar formulações de políticas de recursos humanos, de organização curricular⁵ e da própria pesquisa, em que essas, na sua discursividade, estejam marcadas pelo tempo e lugar ocupados pelo sujeito. Tal procura, por sua vez, tem seu espaço e seu lugar entre o passado e o futuro, enquanto prática social, construída na dominação desses dois modos de existência pela experiência do presente.

A dificuldade maior de se produzir sentidos nessa procura/passagem passado-presente-futuro provém do fato de que toda a formação social, qualquer que ela seja, está em trânsito, isto é, em viagem na história (ALTHUSSER, 1992). Viagem do sujeito e de seu objeto. Nesse trânsito na história, só nele, o sujeito constrói o seu lugar e dá sentido/produz sentido no/do seu lugar na história. Portanto, toda a formação em pesquisa deveria oferecer meios de gerir, em uma relação dialógica, o trabalho social e acadêmico dessa formação.

Por outro lado, pensar em e na pesquisa em um curso de formação de pesquisador - como é o caso dos programas de pós-graduação -, é pensar uma necessidade como impossibilidade, pois é no saber que conseguimos ler a narrativa da pesquisa, a narrativa do ato de pesquisar. Ato singular mas com um sujeito cindido. Porque, para nós, esse sujeito não pertence rigorosamente e da mesma maneira ao próprio ato, mas ao sistema ideológico, social e histórico em que está inserido. Porque, no ato da pesquisa, há uma espécie de translação, em que dá imediatamente o equivalente semântico do próprio ato.

No entanto, aquele que pesquisa deve estar atento ao efeito do real que apaga o equivalente conceitual. Isso supõe evidentemente que se saiba, em última instância, como determinar rigorosamente a unidade e a identidade do pesquisador e da pesquisa - forma dizível de seus limites. É importante que esse dizível se elabore no interior de uma cena

discursiva de dívida genealógica, procurando *sem fazer nome* fundar, ao mesmo tempo, o que é próprio da Linguística, da Análise do Discurso, da Semiótica, da Semântica, da Comunicação, da Etnolinguística, etc., nas mais diferentes abordagens, pois a relação com a interpretação é, também, uma relação com o que não tem sentido e o sujeito tem necessidade de domesticar esse sem-sentido, quando começa em pesquisa.

Nós, como analista do discurso, tomamos uma posição e, nesse lugar tomado, perguntamos: como a orientação em pós-graduação na universidade pública⁶ vem capitalizando esse saber-fazer em políticas de formação em pesquisa? como essa formação é posta à mesa? como disciplina de conteúdo? como disciplina da técnica? como disciplina da comunicação? ou como um saber-fazer conduzido para um saber-ser pesquisador?⁷

Terceira premissa:

Soutenir une thèse de doctorat des lettres consiste à se présenter cérémonieusement devant cinq ou six mandarins perchés sur une estrade [...] Il s'agit là d'un rite initiatique assez cruel, au bout de quoi l'apprenti ayant présenté son "chef d'oeuvre" est reçu parmi les "maîtres" [...] C'est à partir du chantier que j'avais ouvert, m'attaquant successivement aux aires inexplorées, que j'ai travaillé pendant les quarante années suivantes et que je travaille encore " (DUBY, 2001: 84).

A constituição do discurso na orientação e sua relação com o processo da produção do conhecimento deve ser pensada com uma certa urgência e deve ser construída a partir da experiência do sujeito em formação. Pois, como sabemos, cada forma de conhecimento tem seu objeto. Nos estudos da linguagem, voltados para o discurso em uma linha pechetiana, poderíamos nomear essa forma como um entremeio disciplinar, ligada a três campos – o político, o histórico e o ideológico definidos discursivamente. Como sustenta Orlandi (1999), nesse tipo de percurso teórico, um pesquisador não está ligado a uma disciplina no sentido positivista, ou seja, ele não acumula conhecimentos meramente, ele discute seus pressupostos continuamente e esses conhecimentos não se formam entre as disciplinas, mas nas suas contradições, nos seus entrecruzamentos.

Nós nos interessamos, assim, pela orientação no campo em que a linguagem é tomada como prática, mediação, trabalho simbólico e não como instrumento de comunicação (ORLANDI, 1996). Desse modo, sujeito e sentido, na pesquisa, não podem ser tratados como já existentes em si, como a priori. Portanto, para compreendermos o funcionamento do discurso na e pela pesquisa, é preciso explicitarmos, antes de qualquer movimento, as suas regularidades discursivas na ordem da sua formulação. Eis o primeiro escopo sobre o qual gostaríamos de refletir: de que forma conduzimos nosso orientando para construir sentido ao olhar seu objeto de estudo?

Por outro lado, descrever e interpretar um conjunto textual é se interrogar sobre o seu funcionamento, colocando em jogo forma e sentido, forma e função; é, por consequência, entender as suas regularidades, mas também as suas variações semânticas, funcionais, retórica, em síntese, suas variações discursivas. Isto supõe um gesto de interpretação, que parte de uma observação construída de um corpus inicialmente exploratório, depois mais e mais elaborado, a partir de um aparato teórico de interpretação.

Se o analista de linguagem tem de construir um aparato, um dispositivo teórico de interpretação; por outro lado, o sujeito falante comum (aquele de nosso *corpus*) também tem de interpretar, já que não há sentido sem interpretação. Como construir, então, um objeto de estudo entre esses dois eixos – o dispositivo teórico-analítico interpretativo do sujeito em

pesquisa e o dispositivo ideológico do sujeito falante – e ainda – como manter a sua singularidade – a singularidade como sujeito do conhecimento e como sujeito da pesquisa ?

É pertinente salientar que, na Idade Média, o autor tinha a sua singularidade como credibilidade, hoje ela se faz em laboratório, em equipe de trabalho, em grupo de pesquisa, em redes de pesquisa. O autor não é mais singular pelos parâmetros de antes. A singularidade estará no grupo, no interesse do grupo, no objeto do grupo, sendo assim, o sujeito e o sentido (ORLANDI, 1999) ao se constituírem o fazem na relação entre o mundo e a língua, expostos os dois ao *acaso* e às complexidades das operações em jogo na troca de sentido e sobretudo expostos à memória e à regra, essas por sua vez submetidas à ordem do discurso (FOUCAULT, 1971).

Para nós, a interpretação não está entre a palavra científica e a coisa, mas entre a palavra científica e o discurso sobre a coisa assim constituímos sentido na pesquisa, pois é no jogo do lugar da falha, da incompletude que acontece e se dá o lugar da transformação, o lugar da formação. É na relação passado/presente que o sujeito orientador, ao construir sentido para o seu trabalho de pesquisa, nas suas atividades quotidianas, poderá conduzir o sujeito orientando a construir sentido para a leitura que, implicitamente, já está constituída. A interpretação, dessa forma, se mostrará discursivamente como uma necessidade de relação da língua com a história ideologicamente instada. Não haverá possibilidade de estabilização desses espaços apenas a partir do exterior (coerção produzida pelo cientista, pelo especialista, pelo orientador), mas naquilo que é próprio do ato de orientação. O sujeito aprendiz tem necessidade de uma homogeneidade lógica, de uma necessidade de fronteiras, de um mundo semanticamente *normal*, necessidade essa que, por sua vez, tem a ver com a sua dependência das coisas-a-saber (FOUCAULT, 1997). Eis um outro escopo sobre o qual gostaríamos de refletir: como violar esse *sem-sentido*? é um trabalho do analista, do orientador, do acadêmico, da constituição do corpus? que jogo está em jogo nesse jogo?

O nosso objetivo, aqui, nessa terceira premissa, foi levantar questões, a partir das reflexões que têm pautado o nosso quotidiano acadêmico ao longo de nossa experiência como orientadora. Reflexões, essas, sobre o papel da formação do sujeito *aprendiz de pesquisador* na universidade pública e na discussão acerca da importância de se traçar uma política *educativa-formadora* tendo por parâmetro o mercado de formação de início de século, ou seja, aquele da mercantilização da informação no espaço do acontecimento tendo em vista “les reconnaissances des acquis vers l’avènement du marché absolu” (LÉVY, 1997: 45).

Tentativas de respostas

Para nós, ousar entrar no quotidiano da pesquisa questionando e propondo uma formação diferenciada daquela que já está instada e constituída, é nos afirmarmos como sujeito implicado e preocupado pela pesquisa como um todo. Uma outra ousadia, procurar instar um novo lugar da *leitura* na constituição e na formação do sujeito pesquisador. Por consequência, ousadamente, também impor/forçar o orientador a repensar o seu lugar na orientação, bem como a sua responsabilidade na construção do conhecimento e na relação com as demais disciplinas do sistema acadêmico.

Em segundo lugar, este trabalho tem validade pela sua procura de entendimento dos objetos que nos cercam, seja do ponto de vista de orientação, seja do de feitura e do de escritura, porque entendemos que as relações entre os diversos campos do conhecimento são importantes e merecem sempre nossa atenção; mereceriam cada vez mais um trabalho de intercompreensão e ousadia durante a orientação recebida no percurso acadêmico do orientando. Queremos dizer que todo gesto de leitura (ORLANDI, 1999), em um estudo sobre o texto e o discurso, deve levar em conta os dados da língua – o linguístico – este, por

sua vez, deve estar envolto nas condições de sua produção, nas suas relações com o histórico, o político e o ideológico.

Em terceiro lugar, gostaríamos de salientar que, no interior do trabalho acadêmico (monografia de Iniciação Científica, dissertação e ou tese) encontramos um belo exemplo de formação continuada, que está, embuida em uma política de formação no seu sentido fundador. Entendemos, também, o quanto é importante pensarmos a formação fora do espaço da sala de aula, vale dizer, em um espaço de reflexão sobre a prática de constituição de sentido do ato de ensinar e aprender para a pesquisa. Formar, formação e sujeito estão implicitamente ligados e só fazem sentido na constituição do sujeito formador, do sujeito professor, do sujeito aprendiz, pela formação do sujeito leitor. Não basta ensinarmos os conteúdos, precisamos, isto sim, colocá-los a serviço do ensino e da aprendizagem, ou seja, a procura do desenvolvimento da competência do ato de pesquisar.

Em quarto lugar, os dados e as referências levantados para um estudo discursivo não devem, ao nosso ver, sofrer interferência do mundo das idéias do cotidiano, isto é, aqueles referentes a uma interpretação pessoal e sem sustentação analítico-teórica.

Em quinto lugar, o referencial teórico e sua relação interpretativa é um trabalho de coerção e os dois devem estar implícitos na sua formulação. O que queremos dizer é que toda teoria tem uma praxis que deve ser levada em conta, não apenas na ordem do que está dito mas, sobretudo, na ordem das idéias, na ordem de sua história. Queremos dizer com isso que *mensagem, texto e discurso*, por exemplo, não podem aparecer na mesma ordem, nem no mesmo lugar, pois implicam conceitos diferentes e abordagens diferentes no tratamento dado à matéria do lingüista. Tratá-los como sinônimos é ignorar que essas três designações têm caminhos teóricos diferenciados, pois não se referem a mesma coisa quando implementados em uma análise discursiva, por exemplo. Por isso, é importante levarmos em conta quatro aspectos para começarmos a pensar na construção de um objeto de pesquisa : o polo teórico, o polo morfológico, os objetivos e o corpus. Por exemplo :

a) é preciso definir o objeto, a questão e o problema de pesquisa; para isso é urgente fazer uma exploração preliminar sobre o tema; ler a literatura sobre a questão e delimitar precisamente o seu objeto;

b) toda a pesquisa se insere em um quadro mais ou menos consciente, em um quadro teórico de referência, utilizando conceitos fundamentais que o pesquisador deve explicitar, já que se apresenta como uma resposta antecipada a uma questão dada;

c) a constituição do corpus requer recortes que são da ordem de gestos de leitura (ORLANDI, 1999), por conseqüência, da singularidade do sujeito pesquisador; recortar requer ler, descrever e interpretar (PÊCHEUX, 1990);

d) por último, a interpretação deve inaugurar novos sentidos pois ela promove novas informações graças aos elementos de confirmação ou não das perguntas iniciais. Ela abre, geralmente, para novos gestos interpretativos.

Arcabouço final

Chaque époque et chaque groupe social a son répertoire de formes de discours dans la communication socio-idéologique. (BAKHTINE, 1977:40)

Desde que assumimos a orientação de iniciação científica e de mestrados, estamos tentando fazer do trabalho de orientação um espaço de reflexão e de produção de um saber que implique ética, crítica e transformação. Foi preciso que criássemos uma cultura de pesquisa que interpretasse o saber como algo orgânico e dinâmico na vida do acadêmico e da

comunidade científica. Dar ao acadêmico esta concepção de vida e os instrumentos teórico e metodológico que os engajem neste modo de produção do conhecimento, tem sido nosso objetivo principal.

Para que pudéssemos pôr em prática as nossas ações diárias de orientador traçamos seis princípios norteadores para a nossa política de orientação. O primeiro diz respeito à construção de uma concepção de produção do conhecimento que supere a dicotomia entre senso comum e conhecimento científico; o segundo é o de possibilitar a reflexão sistematizada sobre o papel da ciência no mundo contemporâneo, sua relação com a cultura e seus reflexos na sociedade; o terceiro, proporcionar subsídios teórico-práticos orientados para uma identificação e análise dos problemas da área e o levantamento de alternativas voltadas para o contexto sócio-cultural brasileiro; o quarto, incentivar o desenvolvimento da pesquisa e o aprofundamento de estudos da experiência e das potencialidades dos orientandos no campo do saber sobre a linguagem, por meio da integração e interação entre eles, atendendo assim a aspiração emergente de superação da racionalidade científica fragmentária e positivista; o quinto princípio diz respeito ao estabelecimento de uma dinâmica de trabalho coletivo entre os acadêmicos de iniciação científica e os mestrandos, possibilitando situações de interligações de conhecimento na produção acadêmica, em um processo contínuo de revisão epistemológica; por último, pensar a produção e a sistematização do conhecimento fora das posturas científicas dogmáticas, no sentido de apontar para a interdependência entre as áreas e a multiplicidade de abordagens possíveis para contornar os objetos de conhecimento sobre a linguagem.

É importante observar que, para isso, também foi preciso: a) promover práticas relacionadas à pesquisa, no âmbito da instituição; b) desenvolver ações de ensino e de pesquisa, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, que visassem à produção e à transferência do conhecimento; e ainda a divulgação e a (auto)formação através da integração de novas tecnologias ao cotidiano individual e interpessoal; c) desenvolver atividades de cooperação universitária por intermédio de redes interativas que favorecessem o intercâmbio de bens culturais e de pessoas⁸; d) divulgar pesquisas, edições de eventos, publicações de livros e artigos; e) estabelecer um espaço de discussão flexível, com vistas a incentivar a inter-relação com outras áreas do conhecimento; f) estreitar o relacionamento com outras instituições e grupos de pesquisa do Brasil e do exterior; g) fomentar uma equipe de pesquisa interinstitucional⁹; h) (mais recentemente) desenvolver pesquisas envolvendo as áreas atuantes no Laboratório Corpus e as instituições que, diferentemente, investigam temáticas similares, para poder proporcionar a formação de novos pesquisadores.

Sendo assim, o que procuramos foi a significação do aprendizado do próprio ato na constituição de sentidos na e para a pesquisa, porque para nós, ele provém de uma antecipação discursiva, horizonte de ancoragem na e pela formação, mais precisamente, a volta constante sobre o gesto fundador de sentido da narratividade da pesquisa, via um percurso de significação. A socialização foi o fator primordial da preparação antecipatória do ato discursivo em pesquisa e a autonomia teve uma exigência interna e uma exigência externa em uma diversidade cultural, tendo por mote a pesquisa como disciplina intelectual, vale dizer, como ferramenta intelectual para uma economia social da universidade.

Estamos tentando, dessa forma, implementar uma cultura em que a pesquisa seja uma inteligência coletiva: redes de redes – a cooperação entre os homens. Porque, para nós, o ato de pesquisar está intimamente ligado ao ato de viver. Pesquisar é nos interrogarmos constantemente sobre tudo que nos rodeia; pesquisar é refletir sobre o nosso dia-a-dia. Mas pesquisar não é encontrar fórmulas finitas de explicação fácil do que nos rodeia. Pesquisar é empreender, é aprender constantemente. E aprender, metaforicamente, é navegar, no sentido do poeta.

Para nós, para pesquisar é preciso nos esfacelarmos em múltiplos pedaços para nos lançarmos em um caminho incerto, nos engajarmos em um caminho obscuro rumo a um lugar incerto. Pesquisar é também nos expormos. Não existe pesquisa sem exposição ao outro e às bizarrias da viagem. É navegar em busca de portos novos, terras novas, é transitar pelo não senso – o não dizível – é retornar a nossa origem com novos sentidos. Viver em pesquisa, no sentido de dar a voz ao eu pesquisador, é nos deixarmos levar pelos sentidos dados, é assumir as nossas limitações, é encontrar sentido nas palavras do outro, é encontrar sentido no saber, espectro da verdadeira mudança. A navegação aludida aqui é a navegação pelo deslizamento do desejo, que nos permite tentar falar da falta pesquisando novos sentidos.

E como escreve o poeta: “Nous savons que le monde est faux, mais pas ce que c’est que le vrai./Nous continuons pourtant à penser, sachant que ne saurons jamais” (PESSOA, 1992).

Notas

¹ Como exemplo, temos, na USP, os cursos interdisciplinares de graduação: o Curso de Humanidades e o de Ciências Moleculares (RIBEIRO, 2001).

² Já passamos da etapa da implantação de uma política de vinte e quatro meses para o Mestrado, por exemplo. Devemos começar a discutir, agora, a aludida qualidade do trabalho acadêmico.

³ (PÉCHEUX 1990)

⁴ in Um ensaio sobre o aprender e o ensinar na problemática da transferência do conhecimento (1999).

⁵ Ver, por exemplo, a criação das disciplinas Seminário I (defesa do projeto no final do primeiro semestre) e Seminário II (qualificação do texto de base da dissertação, no final do terceiro semestre). Disciplinas criadas em 1995, na reforma curricular do Mestrado em Letras de Santa Maria, com o objetivo de qualificar e reduzir o tempo de permanência no curso; exigência da Capes, naquela época.

⁶ Questionamentos apresentados em 1993, no I Seminário de Formação à Pesquisa, promovido pela Comissão de Pesquisa do Centro de Artes e Letras e pelo Gabinete de Projeto. Seminário esse que deu origem ao documento para a criação, em 1994, da CEPE/CAL. Fizeram parte dessa comissão os professores Tânia R. Taschetto, José Luiz Fourreaux de Souza Junior, Luiz Vidal de Negreiros, Adriana Dal Forno e Vani Foletto. Gestão Ivone Mendes Richter e Loeci Paim de Oliveira Procatti.

⁷ disciplina aqui tomado no sentido de Foucault (1971).

⁸ Um belo exemplo desta cooperação é a nossa experiência: Laboratório CORPUS/UFSM e LABEURB/UNICAMP, através do PROCAD/CAPES.

⁹ Como é o caso do projeto “Linguística e História Literária no sul: estudos das idéias e organização da memória” que desenvolvemos por intermédio do programa PROADE/FAPERGS.

Referência bibliográfica

ALTHUSSER, Louis. *L’avenir dure longtemps*. Paris: Stock-Imec, 1992.

BAKHTINE, Mikail. *Le Marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Ed. Minuit, 1977.

CHANGEUX, Jean-Pierre et RICOEUR, Paul. *Ce qui nous fait penser la nature et la règle*. Paris: Poches Odile Jacob, 2000.

DE CERTEAU, Michel. *La prise de parole*. Paris: Editions du Seuil, Points-Essais, 1994.

DUBY, Georges. *L’histoire continue*. Paris: Poches Odile Jacob, 2001.

- FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FOUCAULT, Michel. **Resumos dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- JACOBI, Daniel. **La communication scientifique discours, figures, modèles**. Grenoble: PUG, 199.
- LATOURE, Bruno. **Le métier de chercheur**. Paris: INRA Editions, 1995.
- LÉVY, Pierre. **L'intelligence collective**. Paris: La Découverte/Poche, Essais, 1997.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel et GADET, Françoise. **La langue introuvable**. Paris: François Maspero, 1981.
- PÊCHEUX, Michel. **Discurso estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PESSOA, Fernando. **Le violon enchanté**. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1992.
- PEYTARD, Jean. *De la thèse de doctorat comme "chantier ouvert"*. In **Les Cahiers du CRELEF**. n. 36, Besançon: Centre de Recherche en Linguistique et enseignement du français, Université de Franche-Comté, 1993.
- RIBEIRO, Renato Janine. **Humanidades um novo curso na USP**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SCHERER, Amanda E. *Um ensaio sobre o aprender e o ensinar na problemática da transferência do conhecimento*. In **Coleção Ensaios**. n.02, Santa Maria: Mestrado em Letras/UFSM, 1999.
- STENGERS, Isabelle (sous la direction de). **D'une science à l'autre des concepts nomades**. Paris: Editions du Seuil, 1987.